

Linguística Funcional Centrada no Uso e Linguística de Texto: entre o uso e a interação

Cognitive-Functional Linguistics and Text Linguistics: between use and interaction

Sávio André de Souza Cavalcante¹

Universidade Estadual do Ceará – Brasil

RESUMO

Este artigo contribui à agenda de pesquisas da interface Funcional-Textual (Castanheira, 2022) ao propor um diálogo entre a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e a Linguística Textual (LT). Objetivamos apresentar o delineamento teórico dessa interação e ilustrar sua aplicação. Defendemos uma centração na interação (Muniz-Lima, 2024) e uma ampliação do olhar construcional (Croft, 2001) sobre fatores contextuais. Metodologicamente, adotamos pesquisa bibliográfica nas seções teóricas e perspectiva qualitativa e descritiva (Paiva, 2019) na seção em que apresentamos um modelo de análise. Argumentamos que a interface deve partir da análise das construções linguísticas em sua relação com as categorias do texto, considerando não apenas processos cognitivos individuais, mas também aspectos da cognição social distribuída (Hutchins, 2001). Essa aproximação, além de ser validada por estudos de referência, apresenta-se como uma alternativa para análise mais integrada dos fenômenos linguísticos.

PALAVRAS-CHAVE:

Linguística Funcional Centrada no Uso. Construção. Linguística Textual. Texto. Cognição social.

ABSTRACT

This article contributes to the research agenda of Functional-Textual Linguistics (Castanheira, 2022) by proposing a dialogue between Cognitive-Functional Linguistics (CFL) and Textual Linguistics (TL). We aim to present the theoretical outline of this interaction and illustrate its application. We advocate a focus on interaction (Muniz-Lima, 2024) and a broadening of the constructional perspective (Croft, 2001) on contextual factors. Methodologically, we adopted bibliographic research for the theoretical phase and a qualitative and descriptive perspective (Paiva, 2019) for the section in which we present an analysis model. We argue that the interface should start from the analysis of linguistic constructions in their relation to the categories of the text, considering not only individual cognitive processes, but also aspects of distributed social cognition (Hutchins, 2001). This approach, in addition to being validated by benchmark studies, presents itself as an alternative for a more integrated analysis of linguistic phenomena.

KEYWORDS:

Cognitive-Functional Linguistics. Construction. Text Linguistics. Text. Social cognition.

Recebido em: 30/04/2026

Aceito em: 14/08/2026

¹ E-mail: savio.cavalcante@uece.br | ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5152-6924>

Introdução

Dá-se o nome de interface Funcional-Textual a uma perspectiva analítica que conjuga postulados do Funcionalismo Linguístico e categorias analíticas da Linguística Textual. Esta interface se justifica pela necessidade da diluição entre as fronteiras das duas vertentes, que têm por escopo o uso linguístico. A interface Funcional-Textual é uma orientação teórica que coexiste em paralelo às pesquisas prototipicamente funcionalistas e às prototipicamente textuais. Contudo, propomos que essa abordagem seja enquadrada entre os estudos funcionalistas, dada sua atenção à materialidade e à codificação linguística, embora não se limite a ela.

No contexto brasileiro, a aproximação entre Linguística Funcional (LF) e Linguística de Texto (LT) vem sendo explicitamente destacada, principalmente, em Neves (2004, 2013[2006]), Pacheco (2011), Abreu (2017), Braga e Paiva (2017), Castanheira (2020, 2022), Castanheira e Cavalcante (2025) e Cavalcante (2022, 2024). Braga e Paiva (2017), por exemplo, defendem

que um diálogo entre as duas pode trazer contribuições para ambas e que a incorporação de variáveis textuais é crucial para a explicação de uma vasta gama de fenômenos linguísticos. Embora possam partir de pontos distintos – a estrutura linguística, no caso das diferentes abordagens funcionalistas; o texto, no caso da Linguística Textual –, essas correntes inevitavelmente se encontram, quando buscam não apenas descrever, mas, principalmente, explicar a forma e o uso da língua tanto na sua modalidade falada como na escrita (Braga; Paiva, 2017, p. 190).

Para Castanheira (2022, p. 182), essa perspectiva considera “a língua em uso a partir de questões discursivas e gramaticais de maneira simbiótica, considerando as relações morfológicas, (morfos) sintáticas, semânticas e pragmáticas e adotando uma perspectiva sociocognitiva e interacional”. Esses estudos, situados entre os diversos funcionalismos, propõem um diálogo entre as correntes, sugerindo uma visão mais holística dos elementos linguísticos.

Castanheira (2022) defende, inclusive, uma agenda de pesquisas considerando essa articulação, operando com pressupostos básicos do Funcionalismo norte-americano (iconicidade, marcação, categorização etc.). No texto do autor, percebe-se a coexistência dos rótulos “Funcional-Textual” e “Textual-Funcional”, o que, a nosso ver, pode ser escolhido a partir do principal interesse analítico. Como essa abordagem é defendida aqui como um ramo dentro do funcionalismo, preferimos utilizar sempre o primeiro termo para nomeá-la.

Nessa toada, buscamos contribuir com a empreitada científica Funcional-Textual, propondo que essa perspectiva também seja abrigada pela Linguística Funcional Centrada no Uso

(LFCU), a partir do tripé construção – texto – (sócio)cognição, em um quadro interacional, valorizando os aspectos discursivo-funcionais das construções (pareamentos de forma e sentido), que levam à variação e mudança construcionais dentro de padrões discursivos². Diferentemente das propostas anteriores, operamos com o conceito de construção, rediscutindo sua arquitetura interna em relação aos textos em que ocorrem e propomos uma centração nas coordenadas interacionais para além dos mecanismos cognitivos individuais.

De fato, ainda que cada uma dessas correntes especifique seu objeto analítico, há uma clara interrelação entre o sistema da língua e a organização textual. Embora a Linguística de Texto opere com as múltiplas semioses que constituem a unidade do texto, essas perspectivas de análise se encontram quando está em jogo a materialização linguística dos enunciados. Recordamos o pressuposto clássico funcionalista de que a estrutura está a serviço de funções comunicativas e cognitivas (Givón, 1995), sendo, assim, a pragmática o quadro a partir do qual semântica e sintaxe devem ser analisadas (Dik, 1997).

Tendo em vista tal discussão, seria pressuposto que a análise funcionalista integrasse, de forma ampla, a pragmática e o contexto. No entanto, pode ocorrer de uma análise funcionalista descrever localmente/pontualmente determinado elemento linguístico e seus usos, sem recorrer a seu papel na interação/no texto/no gênero/no contexto maior em que se insere. Se o uso (que não deve ser visto apenas como uma instância individual) molda a gramática, precisamos falar não só de gramática ou de uso, mas, principalmente, de interação. E ela se dá por meio dos textos, que são as unidades de uso (Neves, 2013[2006]). Vejamos a seguir como essa análise perspectiva elementos textuais:

(01) Anvisa proíbe venda de marcas de azeite de oliva e de coco ralado; veja produtos afetados.

Fonte: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/estilo-de-vida/culinaria/anvisa-proibe-venda-de-marcas-de-azeite-de-oliva-e-de-coco-ralado-veja-produtos-afetados-1.3562039>. Acesso em: 29 abr. 2026.

Na manchete apresentada, parte constituinte de uma notícia veiculada no jornal Diário do Nordeste, percebe-se uma estratégia comunicativa: o arranjo das estruturas sintáticas é planejado de acordo com os objetivos comunicativos dos jornalistas, que detêm certo nível de consciência sobre essas escolhas.

² Por limitação de espaço e por escopo temático, não desenvolveremos aqui as questões relacionadas à variação/mudança construcionais no escopo da interface funcional-textual. Reconhecemos que essa discussão é bastante promissora para desenvolvimentos posteriores dessa abordagem.

Para Perobelli e Correia (2021, p. 8), as manchetes “buscam destacar a parte mais ‘quente’ da notícia para que se cumpra o propósito de atrair a atenção e, conseqüentemente, a leitura da matéria, notícia, reportagem (...)”. Nesse sentido, percebemos que o grau de “novidade” da informação tende a ser maior nesse contexto, o que motivaria um uso mais acentuado de construções nominais lexicalizadas, num espaço de constante introdução referencial (“Anvisa”, “azeite de oliva”, “coco ralado”). Nesse caso, podemos perceber que as escolhas construcionais que fazemos podem ser determinadas pelos propósitos comunicativos do evento interacional maior de que participamos, isto é, o texto.

Tendo em mente essa breve contextualização, indagamos: (i) quais os pontos de contato entre a LFCU e a Linguística de Texto? (ii) qual o lugar específico que cada corrente ocupa entre os estudos linguísticos? (iii) como se realiza uma pesquisa em interface funcional-textual, sob o viés da LFCU? Acreditamos que o uso linguístico é um fenômeno que une as duas correntes, ocupando-se a Linguística de Texto em descrever a macrounidade do texto com suas dimensões analíticas; e a LFCU, em descrever, principalmente, as microunidades que perpassam o texto, que também pode ser composto por diferentes meios semióticos. Na interface funcional-textual, analisa-se determinado fenômeno do sistema verbal da língua destacando sua funcionalidade no texto ou no conjunto de textos em que ocorre, associando-o a determinada categoria analítica da Linguística Textual e, quando for o caso, à sua convivência com outros meios semióticos. No escopo da LFCU, uma interface funcional-textual deve se centrar “na interação, valorizando os aspectos pragmáticos e discursivo-funcionais das construções, que lhe conferem estabilidade relativa, variação e mudança” (Cavalcante, 2024, p. 13).

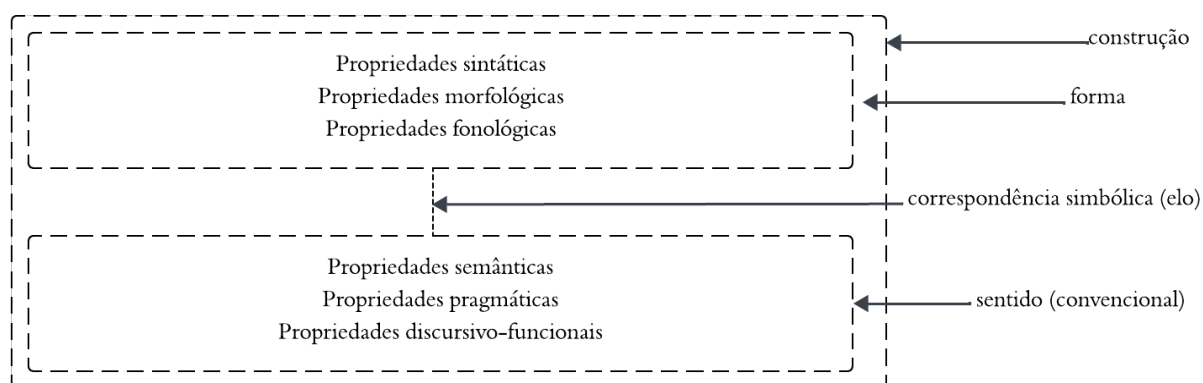
De forma a apresentar como a interface funcional-textual se realizaria no escopo da LFCU, este texto se divide da seguinte maneira: na próxima seção, apresentamos a LFCU e suas categorias analíticas. Na seção subsequente, discutimos acerca do lugar teórico da LF e da LT, pondo em cena suas (des)aproximações. Assim, desenhamos o posicionamento teórico da interface Funcional-Textual no escopo da LFCU. Na sequência, apresentamos aspectos metodológicos e ilustramos a proposta com um modelo de análise nessa perspectiva. Por fim, seguem-se as considerações finais e as referências.

2. A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) surge a partir da interface entre a

Linguística Funcional norte-americana e a Linguística Cognitiva (Furtado da Cunha; Bispo, 2013; Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário; Oliveira, 2016). Sua principal unidade de análise é a construção (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001; Lacerda; Oliveira, 2015), elemento em que estão pareados, simbolicamente, parâmetros de forma e significado (Croft, 2001; Traugott, Trousdale, 2013). A estrutura interna de uma construção seria a seguinte:

Figura 1 – Modelo de estrutura simbólica da construção radical



Fonte: Traduzido e adaptado de Croft (2001, p. 18).

Na releitura que fazemos do modelo de Croft (2001), sugerimos linhas pontilhadas ao redor da construção, para deixar claro que o pareamento e as propriedades construcionais não são estanques nem imutáveis, mas estão sujeitas à variação e à mudança. Como veremos adiante, Traugott e Trousdale (2013) propõem um modelo que concebe as alterações nas construções em termos de mudanças construcionais e construcionalização.

Segundo Goldberg (2006), as construções estão envolvidas em todos os níveis de análise gramatical: desde morfemas a padrões sintagmáticos mais gerais. Há autores, inclusive, que defendem que padrões discursivos, como gêneros e tipos textuais, seriam construções (Östman, 2005; Hoffman; Bergs, 2024). Para Traugott e Trousdale (2013), as construções podem variar, escalarmente, em tamanho (atômica, complexa, intermediária), especificidade fonológica (substantiva, esquemática, intermediária) e conceptualização (conteudista, procedural, intermediária). Ainda segundo os autores, são relevantes, na análise das construções, as propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Considerando a esquematicidade, analisa-se seu nível hierárquico (esquema, subesquema, microconstrução), suas instanciações no uso real da língua (construtos) e a possibilidade de formar esquemas cada vez mais abstratos, por meio do preenchimento de categorias esquemáticas.

Tendo em vista a produtividade, observam-se fatores associados à frequência de uso (Bybee, 2007) e à expansão da construção a novos itens (Himmelmann, 2004). Quanto à composicionalidade, verifica-se a integridade semântica de suas partes e seu significado global.

Como a língua está sujeita à variação e à mudança, as construções podem sofrer mudança construcional ou construcionalização. No primeiro caso, a mudança construcional se dá quando há alteração em um de seus polos: o da forma ou do sentido. No segundo caso, na construcionalização, os dois polos são modificados, e há o estabelecimento de uma nova construção, um novo pareamento forma-sentido.

As mudanças ocorrem na língua por meio de micropassos contextuais (Oliveira; Rosa, 2022), em que enxergamos um espaço propício para o diálogo com as categorias do texto. É no texto e na interação efetiva que a mudança se dá, e é nesse *locus* que os processos sistêmicos e discursivos interagem, impactando um ao outro.

Os usos linguísticos são impactados por mecanismos que modelam o sistema. Para Bybee (2010[2016]), há processos cognitivos de domínio geral que estão envolvidos na produção e compreensão linguísticas: a categorização, o *chunking*, a memória enriquecida, a analogia e a associação transmodal. Bybee (2016[2010]) os define da seguinte maneira:

Por *categorização*, me refiro à similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes, são reconhecidos e associados a representações estocadas. (...). *Chunking* (agrupamento) é o processo pelo qual sequências de unidades que são usadas juntas se combinam para formar unidades mais complexas. (...). *Memória enriquecida* se refere à estocagem mental de detalhes da experiência com a língua, incluindo detalhes fonéticos para palavras e sintagmas, contextos de uso, significados e inferências associadas a enunciados. (...). *Analogia* é o processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências prévias. (...). A lista de processos de domínio geral também inclui a capacidade para fazer associações transmodais, que fornecem o elo entre significado e forma (Bybee, 2016[2010], p. 26-27, *itálicos da autora*).

Também podemos mencionar a metáfora (Bybee; Perkins; Pagliuca, 1994; Hopper; Traugott, 2003; Traugott; Dasher, 2003) e a metonímia (Hopper; Traugott, 2003; Traugott; Dasher, 2003) como mecanismos cognitivos que impulsionam a mudança linguística. As projeções metafóricas permitem mapear um domínio em termos de outro, e as relações metonímicas envolvem associação e contiguidade de elementos em um mesmo domínio.

As pressões relativas ao uso associadas à atuação dos processos cognitivos citados ajudam a explicar as alterações diacrônicas dos sistemas linguísticos, que produzem diversas camadas sincrônicas, permitindo analisar não apenas a construcionalização e as mudanças construcionais

(Traugott; Trousdale, 2013) pelas quais passam as construções, mas também sua construcionalidade (Rosário; Lopes, 2019, 2023; Lopes; Rosário, 2023).

Para Traugott e Trousdale (2013), a mudança linguística advém de neoanálises, que são micropassos de mudança construcional, que podem levar ao estabelecimento de um novo elo simbólico forma-função replicado entre uma rede de usuários da língua (isto é, construcionalização, nos termos de Traugott, 2022). Essas neoanálises consistem em novas interpretações que os usuários podem fazer de uma construção. As neoanálises são fruto de uma negociação de sentidos e significados por parte dos interlocutores. Segundo Traugott e Dasher (2003), o falante/escritor evoca implicaturas e convida o ouvinte/leitor a novas inferências. Já Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) e Diewald (2002, 2006) destacam o papel do contexto na mudança linguística.

Outro aspecto que influencia o comportamento linguístico nessa perspectiva é a manifestação de (inter)subjetividade. Segundo Traugott e Dasher (2003), a subjetividade tem a ver com a expressão do falante/escritor e a representação de sua perspectiva e ponto de vista no discurso. As manifestações de intersubjetividade seriam aquelas em que o falante/escritor considera o ouvinte/leitor como um participante do evento de fala. Já as expressões mais “objetivas” seriam associadas aos atos declarativos, sem codificação explícita de pontos de vista.

3. Relações entre a Linguística Funcional e a Linguística Textual

Halliday (2014[1985]), abordando a relação entre texto e gramática, apresenta o texto como o processo de construir significado em contexto. Nesse sentido, o autor explica que não há como explicar os sentidos do texto sem relacioná-los ao sistema da língua e não há como usar o sistema sem entender o que e o porquê ele significa. Halliday (2014[1985]) também mostra que, ao analisar um texto, desvelamos a organização funcional de sua estrutura e as escolhas sistêmicas feitas, em contexto, que produzem significado. O autor também discute o potencial das multissemioses na significação do texto, no entanto, lembramos que o trabalho da Linguística Funcional sempre parte das estruturas linguísticas, considerando, é claro, os demais recursos semióticos, mas sem tomá-los diretamente como objeto analítico. Pelo contrário, a Linguística de Texto toma o texto como um todo, dando igual *status* às múltiplas e complexas formas de significação dessa unidade. São caminhos alternativos e igualmente válidos para a análise da língua em uso.

Fuentes Rodríguez (2000), argumentando em torno de uma Linguística Pragmática, defende que essa perspectiva deve se debruçar sobre a organização do texto e de seus componentes, as unidades linguísticas. Em sua análise, foca na influência do entorno comunicativo à seleção e funcionamento morfossintático, léxico-semântico e fonético-fonológico da língua. Segundo a autora, a Linguística Pragmática interrelaciona, na descrição, componentes internos e externos. Fuentes Rodríguez (2000) opera, então com a noção de superestrutura (Van Dijk, 1983), composta por uma microssintaxe (estudo tradicional da oração) e uma macrossintaxe (ou sintaxe do discurso, modular e componencial, que foca em unidades superiores). Sobre esses aspectos, retomamos Koch (2004):

(...) a L.T. não se propõe ser ou ter por base uma “gramática do texto”, preocupação que na verdade orientou alguns dos primeiros linguistas textuais, mas de há muito abandonada. Seu objeto central é o texto enquanto processo, enquanto atividade sociocognitivo-interacional de construção de sentidos, como veremos adiante.

Aliás, cabe, lembrar que, após uma primeira fase em que predominou uma orientação teórica sintático-semântica e em que se cogitou da elaboração das gramáticas textuais, os linguistas de texto sentiram a necessidade de ir além, visto ser o texto a unidade básica de comunicação/interação humana (Koch, 2004, p. 1).

Koch (2004) critica uma concepção de texto como um nível superior ao da frase/oração/período. Não nos parece adequado, então, defender o texto como a “soma” de vários períodos ou parágrafos, porque a unidade textual vai além da combinação de partes sintaticamente definíveis (Östman, 2005). O texto apresenta uma multiplicidade semiótica e estrutural e pode ser, inclusive, composto por um único vocábulo ou por nenhum (um texto imagético, por exemplo). Por esse motivo, não adotamos a perspectiva de uma macrossintaxe, mas da unidade textual, que pode (ou não) ser composta por elementos linguísticos, os quais, aparecendo nos textos, são nosso objeto de análise. Em nossa visão, não há uma “outra gramática” acima da oração, do ponto de vista transfrástico, mas unidades morfossintáticas operando em textos, as reais unidades de uso da língua. Essas unidades, as construções, podem se convencionalizar em determinados padrões discursivos, transformando-os e sendo por eles transformadas (Wiedemer; Machado Vieira, 2022). Afinal, discurso e sintaxe não se opõem, mas se complementam (Östman, 2005). Não diz respeito à postulação de uma “gramática do texto”, que sugira unidades e sentidos estanques e invariáveis.

Para Koch (2004), se considerarmos os polos formalista e funcionalista, a LT se situaria no segundo polo, adotando uma postura funcionalista, em sentido amplo, por seu interesse no texto-

em-funções. A autora não descarta um diálogo entre as duas correntes, embora ressalte que se trata de domínios independentes, com fundamentos teórico-analíticos próprios. Já Neves (2004, p. 83) argumenta que “as noções teóricas básicas de uma Linguística do Texto estão contidas nas propostas teóricas do Funcionalismo Linguístico”. Isso não quer dizer que possamos derivar uma da outra, mas que elas se encontram em suas incursões pelo estudo da língua em uso e das coordenadas que regem as interações.

Os textos são unidades do uso e, compostos por multissemsioses que lhe conferem sentido e significado, apresentam também elementos verbais cuja significação se constrói sempre na interação entre os interlocutores. A Linguística Funcional, dotada de aparato teórico-metodológico para a análise das unidades verbais, pode, em articulação à Linguística Textual, fornecer uma descrição ampla das manifestações linguísticas. Ou seja, “a construção do sentido operando-se no fazer do texto” (Neves, 2004, p. 76).

Neves (2004, p. 76), ancorada, sobretudo, no escopo da Gramática Funcional (GF) de Dik (1989, 1997), defende que “qualquer dos temas que vêm sendo tratados na LT pode prestar-se à verificação de grandes pontos de harmonização entre as propostas da GF e os estudos da LT” (Neves, 2004, p. 76). Em Pacheco (2011), ainda no escopo da GF, diz-se que “é papel de uma GF revelar a instrumentalidade da língua em relação ao que as pessoas podem fazer e alcançar com ela na interação social”. A autora, retomando Marcuschi (1983), também lembra que “o processamento textual requer estratégias (cognitivas, sociointeracionais e textuais) e conhecimentos linguísticos e não linguísticos de natureza funcional” (Pacheco, 2011, p. 3).

Acentuando essas relações, Neves (2013[2006]) mostra que

uma gramática funcional faz, acima de tudo, a interpretação dos textos, que são considerados as unidades de uso – portanto, discursivo-interativas –, embora, obviamente, se vá à interpretação dos elementos que compõem as estruturas da língua (tendo em vista suas funções dentro de todo o sistema linguístico) e à interpretação do sistema (tendo em vista os componentes funcionais) (Neves, 2013[2006], p. 26).

Na mesma esteira, Abreu (2017) parte da reflexão de que, se comunicar é a função básica da linguagem e se o texto é a unidade de comunicação entre os humanos, é de se esperar interesse pelas manifestações do texto, da enunciação e do discurso. Nessa visão, os substantivos, por exemplo, podem ser analisados a partir de sua função na referenciação, assim como mostrado por Neves (2013[2006]). Centrando-se nas orações temporais, Cavalcante e Coan (2020) mostraram que a posição dessas orações pode refletir aspectos da coerência referencial: as

intercaladas desenvolvidas favoreceriam mais contextos de continuidade referencial. Já em Cavalcante (2022), o autor mostrou que a posição intercalada de temporais pode atender à referenciação, focalizando um recorte na linha evolutiva de um referente, restringindo, recategorizando, avaliando, especificando um referente, promovendo e/ou gerenciando os mecanismos de topicalização.

Castanheira (2020) lembra que o Funcionalismo e a LT se situam no polo funcional do paradigma clássico da Linguística (formalismo *versus* funcionalismo) e que, portanto, podem ser relacionados sem grandes prejuízos. O autor comenta que não se trata de uma questão de sinonímia, tendo em vista o escopo diferente de cada uma delas. Para ele, em proposta de interface, “é preciso partir necessariamente de dados reais de uso, focalizar questões pragmáticas e contextuais à luz de uma abordagem sociocognitiva e interacional” (Castanheira, 2020, p. 40).

Quanto às diferenças entre os enquadres teóricos, o autor destaca as seguintes: (i) os gêneros textuais tendem a ser explorados de forma mais detalhada na LT; (ii) há uma preocupação maior do Funcionalismo quanto à mudança linguística; (iii) a LT toma por objeto o texto, enquanto o Funcionalismo tende a partir de um fenômeno morfológico ou sintático; (iv) a LT tende a realizar mais análises qualitativas, enquanto o Funcionalismo tende a realizar análises quantitativas e qualitativas; e (v) a LT costuma ter uma proeminência nos estudos relativos ao ensino.

Tendo em vista essa proposta de interface, o autor apresenta, em Castanheira (2020), vários trabalhos que aplicam a articulação entre o Funcionalismo e a Linguística de Texto e defende uma agenda de pesquisas que relacione as duas correntes, principalmente, quanto ao Funcionalismo, na vertente norte-americana. Para tanto, propõe articulações como a (i) referenciação (fenômeno textual) aliada à iconicidade (pressuposto funcionalista), na “análise da relação forma-função por meio de ordenação e do tamanho do SN”, (ii) articulação textual (fenômeno textual) aliada à gramaticalização (pressuposto funcionalista) na “análise do papel dos elementos gramaticalizados na construção do texto” (Castanheira, 2022, p. 195) etc.

Essa aproximação atende a uma proposta funcionalista que considera a construção de sentido emergindo do “fazer do texto” (Neves, 2013[2006], p. 27). Neves (2013[2006], p. 27) também considera que “qualquer dos temas que vêm sendo tratados na linguística do texto pode prestar-se à verificação de grandes pontos de harmonização entre a gramática funcional e esses estudos”. Para citar um exemplo, no que tange aos gêneros textuais, uma análise funcionalista pode valer-se deles como categoria analítica ou, mais amplamente, como um aspecto contextual, enquanto a Linguística Textual pode descrevê-los detalhadamente e relacioná-los à construção

dos sentidos (Castanheira, 2022). Isto é, cada corrente pode perspectivar seu objeto analítico como lhe atenda. Por outro lado, se pensarmos que os aspectos de estilo, que dizem respeito à “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais de língua” (Bakhtin, 2011, p. 261) estão na base da caracterização de um gênero, a seleção dos arranjos linguísticos pode ser motivada pelo conteúdo temático deste e alocada em determinados *slots* de sua construção composicional, pelo menos nos gêneros de estrutura mais fixa. A todo esse arranjo linguístico, podem corresponder aspectos de seu(s) propósito comunicativo (Swales, 1990). Uma análise guiada pela interface funcional-textual encararia, assim, seu objeto de maneira mais ampla, o que é salutar para a pesquisa científica.

Castanheira (2022) propõe que,

para que tal agenda de pesquisas seja efetuada, é necessário que sejam considerados esses e outros fenômenos a fim de entrelaçar tais discussões, devendo ser respeitadas as bases dessas teorias e a sua associação metodológica com aspectos analíticos que sejam coerentes com seus pressupostos teóricos fundamentais. Também são importantes trabalhos sobre ensino, já que essa articulação pode contribuir para reflexões acerca do papel dos elementos gramaticais na construção de diferentes gêneros textuais (Castanheira, 2022, p. 195).

Na intenção de contribuir com a agenda de pesquisas funcional-textual, Cavalcante (2024) propõe que essa perspectiva também seja abrigada no escopo da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Como a publicação diz respeito a um resumo de comunicação oral, em que não houve espaço para maior detalhamento, o texto que agora se apresenta pretende detalhar essa proposta.

4. A interface Funcional-Textual e seu abrigo no escopo da LFCU

Na interface funcional-textual nos moldes defendidos aqui, consideramos o texto não como um nível para além da oração, mas como “uma unidade de comunicação e de sentido em contexto” e uma “unidade de coerência em contexto” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 16, 22), um evento comunicativo, que apresenta a particularidade de suscitar uma interatividade, de ser dialógico e de ser instância concreta de um gênero. O texto é também um ato de linguagem, intencional, em que um locutor se vale de uma mídia e de um suporte físico (Cavalcante *et al.*, 2022). Dizer que o texto é uma unidade implica, para nós, que ele pode ser analisado em seus elementos constituintes, sejam verbais ou não.

Se o texto é uma “unidade de coerência em contexto” e se o interlocutor está sempre

implicado, é preciso considerar a coerência como a “condição do agir colaborativo entre os participantes do contrato comunicativo” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 22). Já quanto ao contexto, Cavalcante *et al.* (2022, p. 17) assumem que “o acontecimento do texto comporta todo o contexto social (e histórico, portanto), necessário para que os participantes envolvidos na interação recortem o que lhes parece relevante para negociar sentidos entre eles e se comunicar”. Nessa concepção, o contexto também pode comportar o ambiente ecológico (Paveau, 2021) do texto, ações e reações humano-tecnológicas, valores, estereótipos, crenças, saberes compartilhados e identidades sociais dos participantes (Cavalcante *et al.*, 2022).

Propomos que a análise funcional-textual ainda vá um pouco mais além da análise funcionalista prototípica, ampliando as lentes analíticas, para considerar, de modo ainda mais amplo, o entorno co(n)textual das formas que analisa. Nem a análise da organização sintagmática pode desconsiderar os princípios regentes da organização textual nem a análise da organização textual pode desconsiderar os mecanismos linguísticos, que operam sempre em função do texto (Braga; Paiva, 2017). Isso significa que, nessa perspectiva, não se deve fazer um recorte cotextual aleatório, mas delimitado por alguma categoria textual: um segmento tópico, uma macroproposição, uma sequência textual etc. Em outras palavras, a análise funcional-textual deve ampliar seu escopo para considerar um elemento da língua situado dentro de um enquadre maior, que o determina. Ou se analisa o elemento dentro do texto todo (em textos mais curtos) ou dentro de uma microunidade textual (em textos mais longos), claramente delimitada, que tenha início, meio e fim.

Os elementos contextuais podem integrar e enriquecer a descrição de uma construção. Para Oliveira (2015), no âmbito da construção, podemos falar em contexto de forma e contexto de sentido. Nossa proposta é ampliar o polo (e, conseqüentemente, o contexto) de sentido da construção. Atualmente, com base no modelo de Croft (2001), esse polo é descrito em termos de propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Para o autor (Croft, 2001, 2005; Croft; Cruse, 2004), o polo do sentido inclui aspectos convencionalizados da função da construção. Essa face contempla, além de propriedades da situação descrita pelo enunciado, propriedades discursivas desse enunciado (como o estatuto informacional de um artigo definido) e da situação pragmática em que os interlocutores estão inseridos (ou parâmetros sociais de uso) (como a atitude do interlocutor ao usar uma construção exclamativa). Para Traugott (2022), os parâmetros discursivo-funcionais também podem incluir a força ilocucionária dos enunciados (declaração, pergunta, ordem etc.), propriedades da estrutura informacional (tópico, foco, dado, novo, figura,

fundo) e avaliações (como surpresa).

Para Traugott (2022), como, no modelo de Croft (2001), a semântica e a pragmática estão em linhas separadas, supõe-se que se trata de subdomínios discretos. No entanto, a distinção entre semântica (referencial/conteudística) e pragmática (inferências, significados procedurais) é gradiente.

Advogamos por uma análise dessa face da construção que também considere propriedades (contextos) sociolinguísticas (Rosário; Oliveira, 2016), socioculturais, sócio-históricas etc., além de pressões contextuais relativas ao gênero e à sequência tipológica (Rosário; Oliveira, 2016). Isso é possível, uma vez que a nossa memória enriquecida arquiva detalhes fonéticos, traços redundantes e variáveis, itens lexicais e construções usadas, significado, inferências advindas do significado e do contexto e propriedades do contexto social (significado situacional: interacional e sociocultural, nos termos de Leclercq; Morin, 2025), físico e linguístico (Bybee, 2010). Essa visão também é pautada em Schmid (2020), que argumenta em torno de diferentes elos entre as construções, entre os quais estão as associações pragmáticas, que visam ao significado, são contextualmente dependentes e relacionam, nos contextos sociais, atividades cognitivas e interpessoais.

Traugott (2022) argumenta que o contato linguístico, as mudanças culturais, as mudanças nas tradições dos gêneros e fatores sociolinguísticos impactam a mudança linguística, porém não estão sempre disponíveis, principalmente em textos antigos. No entanto, defendemos que, sendo possível, o pesquisador precisa considerá-los na análise funcional-textual. Há textos que, mesmo antigos, têm recebido, pela via da perspectiva das Tradições Discursivas (TD), um tratamento sócio-histórico, cultural e contextual preciso. Os textos bíblicos são um bom exemplo disso.

A análise funcional-textual no escopo da LFCU também precisa ampliar seu escopo e ir além do uso como instância individual. É necessário considerar as coordenadas discursivas e, principalmente, a presença do outro como coconstrutor de sentidos. Esse caminho se desloca da centração no uso à centração na interação, como instância compartilhada. Não somente os mecanismos cognitivos, mas também os sociointeracionais ((inter)subjetividade, inferência pragmática etc.) atuam na construção de sentidos e na mudança linguística (Furtado da Cunha; Bispo; Cordeiro, 2024). Evocando Muniz-Lima (2024, p. 107), definimos interação como o “processo de coconstrução de sentidos, que se dá entre interlocutores humanos e/ou não humanos e que sofre interferência de um conjunto de aspectos (...), não só linguageiros, mas também tecnológicos”. Assim, a interface funcional-textual no escopo da LFCU deve considerar

não apenas os usos construcionais como resultado do processamento de uma mente individual, mas como construção coletiva, em que ambos os interlocutores interagem na construção dos sentidos, em cada texto específico.

Para Neves (2021), a interação discursiva via texto é realizada por meio do entrecruzamento de processos de constituição dos enunciados, organizados pela gramática das línguas. Aqui a autora destaca os processos discursivos e sua manifestação gramatical, embora saibamos que a interação vai além, valendo-se de meios imagéticos, sonoros, gestuais etc. (Muniz-Lima, 2024).

Para Koch (2004),

na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos. A produção de linguagem constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, **com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização**, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes, mas também a sua reconstrução – bem como a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal (Koch, 2004, p. 7, negrito nosso).

Como lembram Cavalcante *et al.* (2022, p. 58), “a interação na linguagem se dá, portanto, não pelos elementos linguísticos examinados em si mesmos, por seus valores formais, mas pela maneira como funcionam nos enunciados (para nós, nos textos)”. Enquanto a LT se debruça sobre o texto e sobre “um conjunto de aspectos que respondem por sua coerência em contexto” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 15), a LF privilegia os aspectos linguísticos/verbais, embora não prescindia, em suas análises, de observar outros meios semióticos ou outros aspectos envolvidos na produção da linguagem.

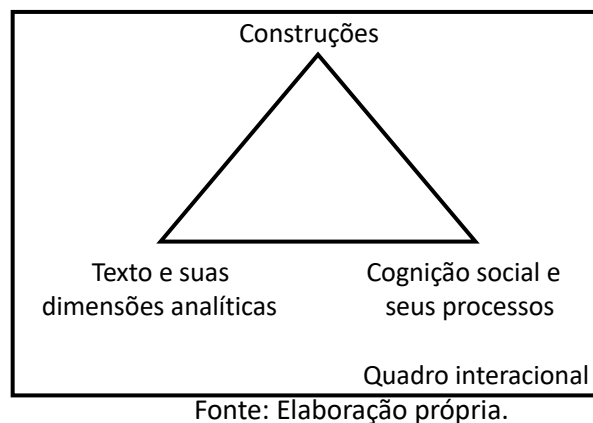
Sem desconsiderar as multissemioses e os saberes múltiplos dos interlocutores, o que a análise funcional-textual no escopo da LFCU deve fazer é tomar, como objeto analítico, as construções da língua e descrevê-las em contexto, trazendo para a análise alguma dimensão analítica do texto (argumentatividade, organização tópica, gênero etc.), buscando localizar e descrever alguma característica textual fixada no polo do sentido da construção (associação pragmática), que tenha repercussões no polo da forma, motivando variação e/ou mudança. Não se trata de reduzir a análise, mas de ter um ponto de partida claro e definido.

Uma vez que consideramos a interação mais que o uso individual, também precisamos operar com um conceito de cognição distribuída (Hutchins, 2001). Como destaca Bybee

(2016[2010]), os processos cognitivos de domínio geral atuam por meio de repetição tanto em indivíduos como em comunidades. No entanto, Bybee (2016[2010]) põe mais ênfase nos mecanismos cognitivos individuais. Por isso, propomos considerar também que esses processos podem se distribuir entre os membros de um mesmo grupo social (Hutchins, 2001), como resultado de suas ações conjuntas (Koch, 2015). Esse redimensionamento amplia o entendimento da noção de construção (Croft, 2001), mostrando que o sentido de uma construção não é resultado apenas de uma construção cognitiva individual, mas de um conjunto de coordenadas, crenças e pressuposições coletivas, que envolvem os interlocutores (eu-tu) e o co(n)texto em que a interação se desenvolve.

A cognição distribuída socialmente implica a existência de quadros pré-discursivos coletivos ou pré-discursos (Paveau, 2007), ou seja, informações sócio-históricas e contextuais (ou ambientais, como propõe Paveau, 2007) prévias, anteriores aos textos. Segundo Paveau (2007, p. 318), os pré-discursos são “quadros de saber, de crença e de prática que não estão disponíveis apenas no espírito dos indivíduos e na cultura dos grupos (...), mas estão distribuídos, no sentido cognitivo desse termo, nos ambientes materiais da produção discursiva”. Sendo assim, a análise funcional-textual operaria dentro do seguinte enquadre teórico:

Figura 2 – Enquadre teórico da análise funcional-textual no escopo da LFCU



O enquadre teórico da análise funcional-textual no escopo da LFCU pressupõe um tripé analítico inserido em um quadro interacional. No centro do tripé, em posição de destaque, estão as construções linguísticas, nosso objeto principal de análise. O comportamento dessas construções é determinado por duas bases: o texto, como unidade do uso real da língua, junto a suas dimensões analíticas (argumentação, heterogeneidades, intertextualidade, referenciação, dêixis etc.); e os processos cognitivos, não apenas individuais, mas distribuídos coletivamente na

memória social dos pré-discursos. Esse tripé funciona em um quadro interacional, em que um “eu” e um “tu” são pressupostos, coconstrutores dos sentidos. Como propõem Brito e Martins (2024), o quadro enunciativo-interacional de um texto precisa considerar, entre outras variáveis, o locutor/enunciador, o interlocutor e a relação entre eles; o gênero e o ecossistema em que se situa; o(s) propósito(s) comunicativo(s) do locutor/enunciador e da interação; a situação sócio-histórica do texto; a articulação tópica; a(s) intertextualidade(s) e os processos referenciais. Defendemos que cada uma dessas coordenadas impacta não apenas a seleção e organização das construções linguísticas mobilizadas nos textos, mas em como elas significam nos textos em que são utilizadas.

Diferentemente das propostas anteriores, defendemos o trabalho com as construções e a análise de sua arquitetura interna (propriedades formais e funcionais), demonstrando que seu comportamento é motivado pela interação via texto. Por isso, colocamos o foco não apenas em como um enunciador mobiliza estruturas linguísticas, mas em como o uso de uma construção significa no entorno co(n)textual e sociocultural em que ocorre. Isso implica considerar não apenas o falante/escritor, mas também o ouvinte/leitor, como interlocutores, e a interação que se dá entre eles por meio dos textos que ambos constroem.

5. Aspectos metodológicos

Em Paiva (2019), estabelecem-se categorias metodológicas que permitem o delineamento das pesquisas, que podem ser metodologicamente viáveis à análise funcional-textual (Castanheira; Cavalcante, 2025). Neste artigo, adotamos a perspectiva teórica, quanto ao gênero da pesquisa; qualitativa, quanto à abordagem; descritiva, quanto ao objetivo; e bibliográfica, quanto ao método.

A perspectiva teórica diz respeito ao estudo de teorias, com vistas a modificá-las ou contribuir com novos conceitos. Neste artigo, buscamos compatibilizar os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Linguística Textual com vistas a discutir o papel funcional e textual das construções e apontar caminhos para a abordagem funcionalista. Para tanto, a pesquisa é bibliográfica, quanto ao método, uma vez que se propôs a analisar o estado da arte sobre os pressupostos teóricos de ambas as teorias.

Na fase analítica e ilustrativa da proposta, a ser apresentada na seção seguinte, o recorte é qualitativo e descritivo. Para tanto, selecionamos uma instância de uma Construção Oracional

Temporal (COT), presente no capítulo 7 do Evangelho de Mateus, entre os versículos 28 e 29, a qual será descrita em termos de forma e função. Seleccionada a construção, um pressuposto da análise funcional-textual é o de que ela seja analisada não apenas como um recorte aleatório cotextual, mas em uma unidade textual delimitada. Como esse tipo de construção tem maior frequência de ocorrência em textos de sequência narrativa predominante, seleccionamos um deles: o texto do Evangelho de Mateus, na versão bíblica Nova Almeida Atualizada (Bíblia Sagrada, 2017). Quanto à delimitação, os estudos mostram que os textos bíblicos são delimitados por perícopes.

Segundo Willis (1984), delimitar um perícopo é vital para uma análise e entendimento apropriados de um texto bíblico. Entre as acepções do termo discutidas pelo autor, estamos considerando como perícopo a “unidade literária que parece formar um todo completo devido à sua forma poética, conteúdo, consistência do orador ou público e coisas semelhantes, ou uma combinação destes” (Willis, 1984, p. 63-64, tradução nossa). Em outras palavras, o perícopo é um trecho dentro de um livro bíblico que pode ser delimitado em início, meio e fim. Esse recorte é de interesse de uma análise funcional-textual, pois determina o ponto em que se centra a atenção do leitor acerca de um assunto. Na Bíblia, os perícopes costumam ser sinalizados por títulos em negrito dentro de cada capítulo. Como são delimitados pelo editor, os perícopes podem ou não se corresponder entre as diferentes versões da Bíblia.

Na seção seguinte, ilustramos a aplicação da interface funcional-textual no escopo da LFCU com a análise do perícopo “O fim do sermão do monte”, presente no capítulo 7, entre os versículos 28 e 29 do Evangelho de Mateus. Consideramos esse trecho um perícopo tendo em vista a presença de um título que delimita esse trecho na versão bíblica escolhida. Além disso, o trecho é centrado tematicamente nas ações que apontam para o fim desse longo ensinamento de Jesus, diferentemente do perícopo anterior (os dois fundamentos, em Mateus 7:24-27) e do posterior (a cura de um leproso Mateus 8: 1-4).

6. A Construção Oracional Temporal (COT) no Evangelho de Mateus em interface funcional-textual no escopo da LFCU

Nesta seção, apresentamos um exemplo de aplicação da interface funcional-textual no escopo da LFCU, por meio da análise de um trecho bíblico, estruturado em sequência narrativa predominante. No trecho em análise, denominado “o fim do sermão do monte”, Jesus tinha acabado de proferir um longo discurso, narrado entre os capítulos 5 e 7 do Evangelho de Mateus,

mas também presente nos demais Evangelhos. No sermão do monte, Jesus fala sobre as bem-aventuranças, o amor aos inimigos, a oração, o jejum, as esmolas etc. Vejamos, então, o trecho sob análise:

O fim do sermão do monte

²⁸Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, as multidões estavam maravilhadas com a sua doutrina,

²⁹porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas.

(Mateus 7:28-29 – versão Nova Almeida Atualizada) (Bíblia Sagrada, 2017).

Como nosso foco é a Construção Oracional Temporal “Quando Jesus acabou de proferir estas palavras”, passemos a uma análise dela, em termos de forma e sentido. A Construção Oracional Temporal (COT), discutida por Machado Vieira, Wiedemer e Cavalcante (2024, p. 39), apresenta a função básica “de indicar a localização temporal de determinado estado-de-coisas”. Na ocorrência, no que diz respeito à forma, há uma construção fonologicamente especificada, uma oração temporal desenvolvida anteposta, iniciada pelo conector [quando]. Essa oração é uma construção transitiva composta pela construção perifrástica [acabar de proferir], com sujeito explicitado pela construção nominal [Jesus] e complemento direto, também formado por uma construção nominal, [estas palavras]. Na rede construcional dos conectores temporais, o escritor selecionou a construção conectora [quando]_{conec} provavelmente por este conector ser o mais convencionalizado nesse tipo de relação, isto é, mais geral/comum para marcar relações temporais (Neves, 2018). Por outro lado, o [quando]_{conec} é o conector temporal que tem mais potencial para possibilitar outras leituras semânticas, como condição, causa, concessão e proporção (Ferreira, 2008) ao invés de um conector mais específico como [na hora (em) que] ou [no momento (em) que]. Como veremos, o [quando]_{conec}, empregado nesse texto, denota, além de tempo, uma implicação causa-consequência argumentativamente orientada, o que não ficaria tão claro com o uso de outros conectores temporais.

Essa estrutura é parte do estilo do escritor desse evangelho, como descrito por Höster (1996), porque as sequências de discursos de Jesus narradas nesse livro terminam com construções como a COT aqui analisada. Isso ocorre também no capítulo 11, versículo 1; no capítulo 13, versículo 53; no capítulo 19, versículo 1 etc. Para Höster (1996), essa estratégia textual dá a impressão de que os discursos de Jesus, no Evangelho de Mateus, foram organizados em sequências temáticas. A produtividade *type* da COT no fim dessas porções textuais sugere uma convencionalização e especialização das construções temporais não apenas em relação aos textos

de sequência narrativa predominante, mas também em relação a outras unidades textuais, como o perícopo. Estudos posteriores, por meio da análise de mais dados, podem confirmar essa hipótese.

O fato de a COT analisada ser anteposta e desenvolvida é resultado de uma pressão contextual. A versão escolhida, Nova Almeida Atualizada, em sua seção de apresentação (Bíblia Sagrada, 2017, p. IV-VIII), se propõe a apresentar a tradução clássica de João Ferreira de Almeida de forma mais acessível aos leitores. Segundo os editores, a publicação “se apresenta como o texto ideal para uso na igreja, particularmente no culto. No entanto, esta edição também é apropriada para a pregação, para o estudo acadêmico, para a leitura particular e para a memorização” (Bíblia Sagrada, 2017, p. V). Essa versão, assim, se propõe a ser menos formal e mais acorde aos leitores brasileiros (evitando, por exemplo, o uso de “vós”, intercalações, mesóclises e ordem inversa dos termos oracionais). Cavalcante, Sampaio e Chaves (2021), por exemplo, comparando duas versões da Bíblia (Almeida Revista e Corrigida, de 1969 e Nova Versão Transformadora, de 2017), mostraram que as intercalações são expressivamente mais frequentes na versão mais antiga (87.8% contra 12.2%). Tais fatores contextuais evidenciam que não é apenas o uso individual que conta na produção linguística, mas também a atenção e a presença implícita dos saberes, crenças e expectativas do interlocutor, no quadro interacional.

No polo do sentido da COT analisada, que ganha novos contornos analíticos na análise funcional-textual, percebemos que a cláusula de tempo anteposta, ao mesmo tempo em que encapsula todo o sermão do monte (“Quando Jesus acabou de proferir estas palavras”), guia o leitor para a compreensão da descrição do estado da multidão. Aqui o escritor está sendo colaborativo com seu leitor, porque usa uma oração com função de ponte de transição (Givón, 2001; Decat, 2001; Cavalcante; Coan, 2021). Para Cavalcante e Coan (2021), as orações com essa função necessariamente iniciam uma nova cadeia e apresentam, ao mesmo tempo, informações anafóricas e catafóricas. A vantagem para o leitor é deparar com uma porção textual que encapsula porções anteriores e ainda o prepara, prospectivamente, para o que será apresentado na sequência discursiva posterior. Além disso, essa construção-ponte prepara o leitor para uma mudança de tópico, já que encerra o capítulo 7 do Evangelho de Mateus. Na sequência, já se inicia um novo capítulo do livro e, com ele, um novo perícopo.

Um outro aspecto a ser ressaltado é a proeminência tópica dessa construção, tendo em vista seu posicionamento à esquerda da cláusula núcleo. Além disso, a COT parece ter sido formalmente empacotada como subordinada (no uso tradicional do termo), embora tenha traços

de figura. Consoante os parâmetros de Hopper e Thompson (1980), a COT analisada apresenta traços de transitividade alta (mais de um participante, agentividade e intencionalidade do sujeito, afetamento/criação do objeto, perfectividade da ação etc.) que sua correspondente nuclear. Isso a leva a uma interpretação de figura, destacando a sequenciação do fluxo narrativo e a autoridade e a pessoa de Jesus, como veremos a seguir.

Todo esse arranjo linguístico é organizado pelo autor para defender argumentativamente a autoridade de Jesus, recategorizado como um convincente mestre/professor. A relação causa-consequência entre Jesus falar e maravilhar multidões não é aleatória, mas supõe um posicionamento argumentativo e (inter)subjetivo do autor. O fato de que “as multidões estavam maravilhadas”, “ele as ensinava com autoridade” e “não como os escribas” explicita uma dimensão argumentativa e (inter)subjetiva: sugere que Jesus tinha um poder de convencimento, superior, inclusive ao dos mestres da escrita. De uma perspectiva mais subjetiva, há uma valoração positiva da figura de Jesus, e, de uma perspectiva mais intersubjetiva, há tentativa de convencer o leitor dessa realidade construída pelo discurso. Isso corrobora com a interpretação de que o Evangelho de Mateus tem como marca os ensinamentos de Jesus (Höster, 1996).

Nessa perspectiva, podemos considerar a argumentação como dimensão constitutiva da linguagem, num convite ou influência sobre o outro, a fim de influenciar suas representações/opiniões (Amossy, 2018). Em sentido amplo, também podemos considerar uma intersubjetividade, sendo todo fenômeno linguístico, de certo modo, intersubjetivo (Tantucci, 2018). Em nosso entender, existe, portanto, argumentatividade e intersubjetividade no arranjo linguístico desse perícopo bíblico, na tentativa de convencer o leitor da autoridade de Jesus.

Tomando a Bíblia como um compósito de gêneros, isto é, “uma reunião de gêneros em um mesmo espaço físico de atualização em textos” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 184), que se insere numa esfera religiosa, há um conjunto de crenças e saberes compartilhados entre os membros das comunidades cristãs. Uma delas é a divindade de Jesus, que, com base em uma leitura intertextual de outros textos bíblicos, é vista como um dom de Deus. Isso é parte da memória discursiva e, portanto, da cognição social distribuída desses interlocutores. Considerando também uma interpretação dinâmica do texto bíblico, é possível que uma leitura argumentativa desses documentos tenha sido mais intensa à época do que atualmente, quando o Cristianismo está mais difundido.

Considerações finais

A partir da necessidade de diluir as fronteiras teórico-analíticas entre a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e a Linguística Textual (LT), este artigo se propôs a apresentar os fundamentos de uma análise Funcional-Textual no escopo da LFCU. Para tanto, evocamos trabalhos e propostas de ambas as correntes e as equacionamos, propondo esse quadro teórico.

A aproximação entre o Funcionalismo e a Linguística de Texto já vem sendo defendida em trabalhos como os de Neves (2004, 2013[2006]), Pacheco (2011), Abreu (2017), Braga e Paiva (2017), Castanheira (2020, 2022), Castanheira e Cavalcante (2025) e Cavalcante (2022, 2024). No entanto, não havia ainda uma proposta no âmbito da LFCU, rediscutindo a arquitetura textual das construções.

O trabalho mostrou que, nessa perspectiva, o texto deve ser visto como uma “unidade de coerência em contexto” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 22) e não como um nível supraoracional. Como uma abordagem no escopo do Funcionalismo, propomos que o pesquisador deve partir de um elemento do sistema da língua dentro de uma subunidade textual delimitada.

Indo além, a interface Funcional-Textual no escopo da LFCU deve operar com uma concepção de construção cujo polo do sentido é rico de informações contextuais e sócio-histórico-culturais. Essa abordagem também deve considerar uma distinção gradiente entre semântica e pragmática, como defende Traugott (2022). Defendemos também que é necessário ir além do uso e considerar a interação (Muniz-Lima, 2024) e os fatores sociointeracionais (Furtado da Cunha; Bispo; Cordeiro, 2024). Nesse sentido, deve-se considerar não apenas uma cognição individual, mas distribuída entre membros de um mesmo grupo social (Hutchins, 2001). Em outras palavras, a análise Funcional-Textual no escopo da LFCU deve considerar um quadro interacional, em que as construções da língua, o texto e suas dimensões analíticas e os processos da cognição social operam juntos, impactando-se mutuamente.

A análise funcional-textual no escopo da LFCU também é promissora para o ensino de línguas (estrangeira e materna), como, por exemplo, propõem Castanheira e Cavalcante (2025, p. 7), no sentido de que “podem ser trabalhados fenômenos gramaticais em diálogo com leitura e produção de textos ou por meio do seu papel textual, com a proposição de produto didático”. Além disso, alinhando-se a perspectivas como a de Alonso (2026), essa interface pode representar uma alternativa de levar à sala de aula, com as devidas adaptações, os postulados da Gramática de Construções. Acreditamos que o ensino das construções em uso, cujos sentidos são construídos

por meio da interação via texto, pode representar uma alternativa eficaz para a análise linguística na Educação Básica..

Por fim, retomando principalmente as reflexões de Neves (2004), Koch (2004) e Braga e Paiva (2017), lembramos que a interface entre as duas correntes é salutar. Embora isoladamente haja distinções entre a análise funcional e a textual, o que dota cada uma delas do estatuto de corrente da ciência linguística, uma interface funcional-textual encara o objeto-língua de maneira ainda mais ampla, enriquecendo os fundamentos teóricos de base.

Referências

ABREU, A. S. Linguística Textual e Funcionalismo. In: CAPISTRANO JR, R. LINS, M. P. O.; ELIAS, V. M. (Org.). *Linguística Textual: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Labrador, 2017. p. 43-56.

ALONSO, K. S. B. A Gramática de Construções vai à escola: propostas de atividade para o ensino fundamental. *Matraga – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ*. Rio de Janeiro, v. 33, n. 67, p. 74-88, 2026. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/94578>. Acesso em: 23 jul. 2026.

AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Tradução de Angela M. S. Corrêa et al. São Paulo: Contexto, 2018.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Almeida Atualizada. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 3. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BRAGA, M. L.; PAIVA, M. da C. de. Linguística Textual e Sintaxe. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. (Orgs.). *Linguística Textual: interfaces e delimitações – Homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch*. São Paulo: Cortez, 2017. p. 189-210.

BRITO, M. A. P.; MARTINS, M. A. Quadro enunciativo-interacional: uma abordagem multidimensional para a análise de diferentes tipos de texto. *Revista de Letras*, v. 2, n. 43, não paginado, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/94657>. Acesso em: 17 jul. 2026.

BYBEE, J. *Frequency of use and the organization of language*. New York: Oxford University Press, 2007.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge, Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha e Revisão Técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016[2010].

BYBEE, J; PERKINS, R; PAGLIUCA, W. *The evolution of Grammar: Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CASTANHEIRA, D. *Anáforas encapsuladoras e construção do gênero entrevista: análise textual-funcional*. 2020. 235 f. Tese (Doutorado em Letras (Letras Vernáculas)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://d9cebc07-27a2-49bd-879d-f5326cb01a45.filesusr.com/ugd/2a3f1b_3326742df5d249a78deda599043147c3.pdf. Acesso em: 23 jul. 2026.

CASTANHEIRA, D. Linguística de Texto e Funcionalismo Norte-americano em diálogo: em defesa de uma agenda de pesquisas. *PERcursos Linguísticos*, Vitória (ES), v. 12, n. 31, p. 181-202, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/percursos/pt_BR/article/view/38661. Acesso em: 23 jul. 2026.

CASTANHEIRA, D.; CAVALCANTE, S. A. de S. Metodologia da pesquisa funcional-textual. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 15, e96661, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/entrepalavras/article/view/96661>. Acesso em: 23 jul. 2026.

CAVALCANTE, M. M. *et al. Linguística Textual: conceitos e aplicações*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, S. A. de S. *Intercalação Hipotática Temporal entre sujeito e verbo em Língua Portuguesa e a (re)construção referencial*. Gragoatá, v. 27, n. 58, p. 260-290, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/51658>. Acesso em: 14 abr. 2024.

CAVALCANTE, S. A. de S. Elementos para uma perspectiva Funcional-Textual. In: ALONSO, K. S. B. et al. (Orgs.). *Caderno dos resumos do XXVII Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e do XIV Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática*. São Gonçalo-RJ: Selo editorial LABLETRAS-UERJ, 2024. p. 13. Disponível em: <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/seminarios/seminario-2024/caderno-de-resumos/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

CAVALCANTE, S. A. de S.; COAN, M. Um mapeamento funcional das cláusulas temporais: variação, processamento e codificação. *Intertexto*, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 117-145, set. 2021. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/4834>. Acesso em: 12 set. 2021.

CAVALCANTE, S. A. de S.; COAN, M. Escalaridade e prototipia no domínio da intercalação: o caso das Cláusulas Hipotáticas Circunstanciais Temporais no Espanhol Mexicano Oral. *Linguística*, v. 38, n. 1, p. 29-46, jun. 2022. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/ojs/index.php/Revista/article/view/95/85>. Acesso em: 05 jun. 2024.

CAVALCANTE, S. A. de S.; SAMPAIO, M. F.; CHAVES, C. R. P. Usos de Cláusulas Hipotáticas Intercaladas em parábolas bíblicas do livro de Mateus. In: ROSÁRIO, I. da C. do et al. (orgs.). *Livro de programação e resumos do III Seminário do grupo de pesquisa Conectivos e Conexão de Orações – CCO*. Niterói-RJ: UFF, 2021. p. 76-77. Disponível em: <https://cco.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/370/2021/10/Livro-de-Resumos-III-Seminário-do-CCO-11.10.2021.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2025.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford:

Oxford University Press, 2001.

CROFT, W. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. In: ÖSTMAN, J-O; FRIED, M. (eds.). *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extension*. Amsterdam: Benjamins, 2005. p. 273-314.

CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: CUP, 2004.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M. B. N.; SARAIVA, M. E. F.; BITTENCOURT, V. de O.; LIBERATO, Y. G. (Orgs.). *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. 1. ed. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001, v. 5. p. 103-166.

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G.; (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 103-120.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, v. 1, n. 9, Special, Vol. 1, *Constructions all over: case studies and theoretical implications*, 2006, p. 1-29. Disponível em: <https://constructions.journals.hhu.de/article/view/443>. Acesso em: 23 jul. 2026.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar – Part 1: The structure of the Clause*. 2. ed. rev. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar – Part 2: Complex and derived constructions*. 2. ed. rev. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

FERREIRA, V. P. *A conjunção subordinativa quando na perspectiva funcional-discursiva*. 2008. 130 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FUENTES RODRÍGUEZ, C. *Lingüística pragmática y análisis del discurso*. Madrid: Arco Libros, 2000.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. *Revista do GELNE*, Natal/RN, v. 15, núm. esp., p. 53-78, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9410/6764>. Acesso em: 12 set. 2024.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; CORDEIRO, F. da S. Mudança linguística em perspectiva funcional: aspectos cognitivos e interacionais. In: CASTANHEIRA, D.; SÁ, É. I de; FREITAS JÚNIOR, R. de; SILVA, T. dos S. (orgs.). *Discurso, gramática e funcionalismo*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; CEZARIO, M. M.. (Orgs.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: MAUAD X: FAPERJ, 2013. p. 13-40.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax: An Introduction – Volume II*. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 4. Ed. Revised by Christian M. I. M. Matthiessen. London: Hodder Education, 2014[1985].

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: A conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press. 1991.

HIMMELMANN, N. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W. et al. (Ed.). *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

HOFFMANN, T.; BERGS, A. Constructions all the way! Text types as constructions. In: HENNEMANN, A.; TACKE, F. (orgs.). *Konstruktionen, Kontexte, Gattungen / Constructions, Contexts, Genres (Sprache in kulturellen Kontexten / Language in Cultural Contexts)*. Bonn: V&R Unipress, Bonn University Press, 2024. p. 255–277.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980. Disponível em: http://www.balsas-nahuatl.org/electronic-docs/Linguistics/Hopper-Thompson_Transitivity-in-Grammar-and-Discourse_1980.pdf. Acesso em: 23 jul. 2026.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HÖSTER, G. *Introdução e Síntese do Novo Testamento*. Curitiba-PR: Editora Evangélica Esperança, 1996.

HUTCHINS, E. Distributed cognition. In: SMELSER, N. J.; BALTES, P. B. (eds.). *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*. Amsterdam: Elsevier, 2001. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/chapter/referencework/abs/pii/B0080430767016363>. Acesso em: 20 jul. 2026.

KOCH, I. *Funcionalismo e processamento textual*. Maceió, UFAL, 2004. (Mesa redonda no XIX ENANPOLL – Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística).

KOCH, I. *A inter-ação pela linguagem*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

LACERDA, P. F. A. da C.; OLIVEIRA, N. F. de. Abordagem construcionista na gramaticalização: perspectivas e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. (Orgs.). *Linguística Centrada no Uso – teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015. p. 51-62.

LECLERCQ, B.; MORIN, C.. *The Meaning of Constructions*. New York: Cambridge University Press, 2025.

LOPES, M. G.; ROSÁRIO, I. da C. do. O papel da automatização e da intersubjetivação na análise da mudança linguística: novas reflexões para a abordagem da construcionalidade. In: OLIVEIRA, M. R. de; LOPES, M. G. (orgs.). *Funcionalismo linguístico: interfaces*. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 81-113.

MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L.; CAVALCANTE, S. A. S. Sociolinguística e gramática de construções: texto e discurso na perspectiva socioconstrucionista. In: PONTES, V. de O.; COAN, M.; CAVALCANTE, S. A. de S.; CARVALHO, H. M. de; ARAÚJO, A. A. de. (Org.). *Sociolinguística: interfaces e aplicações*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. p. 14-54.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife UFPE, Série Debates 1, 1983.

MUNIZ-LIMA, I. *Linguística textual e interação digital*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.

NEVES, M. H. de M. Funcionalismo e Linguística do Texto. *Revista do Gel*, v. 1, p. 71-89, 2004. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/292>. Acesso em: 23 jul. 2026.

NEVES, M. H. de M. *Texto e gramática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013[2006].

NEVES, M. H. de M. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NEVES, M. H. de M. Gramática e texto. Texto e gramática. A funcionalidade em questão. *Confluência*, Rio de Janeiro, Liceu Literário Português, v. especial 30 anos, p. 56-77, jun. 2021.

OLIVEIRA, M. R. de. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. (org.). *Linguística centrada no uso - teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

OLIVEIRA, M. R. de; ROSA, F. S. da L. Contextos para construcionalização: micropassos e paradigmatisação. *Revista Odisseia*, Natal – RN, v. 7, n. esp., p. 66-86, jan.-jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/26829/15570>. Acesso em: 05 fev. 2025.

ÖSTMAN, J.-O. Construction Discourse: a prolegomenon. In: FRIED, M. (ed.). *Construction Grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 121-144.

PACHECO, L. F. Funcionalismo e Linguística do Texto: um exercício de análise dialogada das anáforas associativas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 13. E SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 3., 2011, Uberlândia. *Anais [...]*. Uberlândia: EDUFU, 2011. v. 2. p. 1-20.

PAIVA, V. L. M. O. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

PAVEAU, M.-A. *Análise do discurso digital*: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.

PAVEAU, M.-A.; GOLDSTEIN, N. S. Palavras anteriores. Os pré-discursos entre memória e cognição. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 9, p. 311-331, 2007. Disponível em: https://revistas.usp.br/flp/pt_BR/article/view/59786. Acesso em: 23 jul. 2026.

PEROBELLI, R.; CORREIA, B. da S.. A pressuposição em manchete e a leitura crítica em foco. *Revista Gatilho*, Juiz de Fora – MG, v. 20, n. 01, p. 1-25, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/33224>. Acesso em: 05 fev. 2025.

ROSÁRIO, I. da C. do; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *Soletras*, v. 37, n. 1, p. 83-102, 2019.

ROSÁRIO, I. da C. do; LOPES, M. G. Construcionalidade e mudança na sincronia. In: ROSÁRIO, I. da C. do. (org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Rondônia: EDUFRO, 2023. p. 56-76.

ROSÁRIO, I. da C. do; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007/5854>. Acesso em: 12 set. 2024.

SCHMID, H-J. *The Dynamics of the Linguistic System – Usage, Conventionalization, and Entrenchment*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

SWALES, J. M. *Genre Analysis*: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TANTUCCI, V. From Co-Actionality to Extended Intersubjectivity: Drawing on Language Change and Ontogenetic Development. *Applied Linguistics*, v. 41, n. 2, p. 1-31, 2018. Disponível em: <https://academic.oup.com/applij/article-abstract/41/2/185/5214345?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 23 jul. 2026.

TRAUGOTT, E. C. *Discourse Structuring Markers in English*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2022.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VAN DIJK, T. *La ciencia del texto*. Barcelona: Paidós, 1983.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. S. Paradigma Discursivo como (Proto)Construção: Alternância Linguística Via Práticas Sociocomunicativas. In: MACHADO VIEIRA, M. dos S.; MEIRELLES, V. (Orgs.). *Variação em Português e em Outras Línguas Românicas*. São Paulo: Blucher, 2022. p. 60-102.

WILLIS, J. T. The First Pericope in the Book of Isaiah. *Vetus Testamentum*, v. 34, n. 1, p. 63-77, jan. 1984. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1518204>. Acesso em: 23 jul. 2026.
